



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS-III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

MARIA JOSÉ SOUSA DA SILVA

Linha de pesquisa:

O ensino da geografia na escola. Fundamental e médio.

**ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DIFICULDADES E PROPOSTAS**

Guarabira/PB

2014

MARIA JOSÉ SOUSA DA SILVA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Campus III, Guarabira – PB, tendo em vista a linha de pesquisa: O ensino da geografia na escola. Fundamental e médio. Em cumprimento aos requisitos básicos para a aquisição do grau de licenciado, sob orientação da professora Maria Juliana Leopoldino Vilar.

Guarabira/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S856e Silva, Maria José Sousa da
Ensino de geografia na educação de jovens e adultos [manuscrito]
: dificuldades e propostas / Maria Jose Sousa da Silva. - 2014.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Maria Juliana Leopoldino Vilar, Departamento de
Geografia".

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Geografia - Ensino. 3.
Educação. I. Título.

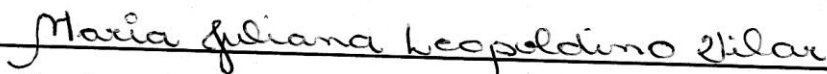
21. ed. CDD 910

MARIA JOSÉ SOUSA DA SILVA

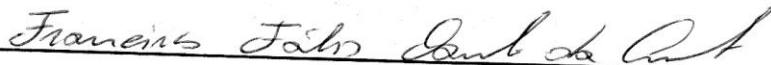
ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
DIFICULDADES E PROPOSTAS

Aprovado em 30 / 03 / 2014

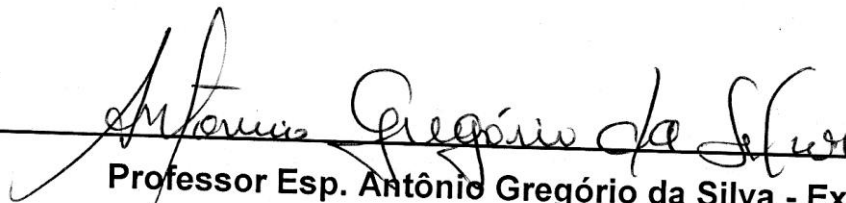
BANCA EXAMINADORA



Professora Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar - Orientadora
Especialista em Gestão e Análise Ambiental – UEPB
Professora do departamento de Geografia – CH/UEPB



Professor Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa - Examinador
Doutor em Geografia – UFPE
Professor do departamento de Geografia – CH/UEPB



Professor Esp. Antônio Gregório da Silva - Examinador
Professor do departamento de Geografia – CH/UEPB

Guarabira/PB

2014

Ao autor da vida e de toda a criação. A Ele toda honra e toda a glória para sempre! Ao Senhor da minha vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a Deus pelo dom da vida e a pela consciência que sem Ele nada seria possível, pois dEle veio toda força e sabedoria que precisei nesses anos.

A minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos, em especial a minha mãe, Maria do Livramento que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma e ao meu pai Antônio Manoel (*in memoriam*), que nunca desistiu de me motivar mesmo quando as condições eram contrárias.

A minha orientadora, Juliana Vilar que dedicou seu tempo a me indicar os caminhos necessários para o desenvolvimento dessa pesquisa, e mais do que isso que sempre me motivou com seu exemplo de educadora e suas sábias palavras.

As minhas amigas, em especial Rosilene e Ana que suportaram em amor meus estresses nos dias corridos do curso e sempre me deram força e apoio.

Aos meu colegas de curso que fizeram esses quatro anos valer mais a pena, em especial a Aline, minha primeira colega mais próxima, parceira de produções e eventos científicos. Marcelo, Céu, Robéria e Jaciele pelas conversas, risos e por compartilharmos momentos únicos.

Aos professores que passaram pela minha vida e deixaram marcas eternas de conhecimento, em especial aos professores Jackson Amancio pelo incentivo desde o início do meu curso, a professora Amanda Marques, que marcou o início do meu contato com as pesquisas sobre educação, a professora Luciene Arruda, pela paciência e inúmeras correções ainda na disciplina projeto de pesquisa, o que me ajudou a prosseguir com minhas pesquisas com mais empenho.

Externo também minha gratidão ao professor Fábio Dantas que com sua demonstração de amor a profissão e o carinho com que nos ministrava suas aulas, foi e será sempre um exemplo de professor que levarei por toda a minha vida. Por suas palavras, preocupação, abraços, atenção e mensagens em cada aula, minha eterna gratidão.

A UEPB que me acolheu e me ajudou a dar azas ao meus conhecimentos, enfim, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica e cidadã.

À todos vocês, muito obrigada!

“Quero viver ao lado de gente humana, muito humana; que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleita antes da hora, não foge de sua mortalidade, defende a dignidade dos marginalizados, e deseja tão somente andar ao lado de Deus. Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade, desfrutar desse amor absolutamente sem fraudes, nunca será perda de tempo.

O essencial faz a vida valer a pena.”

(Rubem Alves)

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos a cada ano tem ganhado espaço nas discussões e pesquisas sobre a educação Brasileira. Isso por causa da grande procura de alunos que buscam concluir a educação básica em tempo reduzido. Essa modalidade de ensino é marcada por limitações metodológicas, além de ter a uma classe de estudantes singulares, que já trazem consigo uma história de vida cheia de conhecimentos produzidos ao longo de uma vida de trabalho, na maioria das vezes a margem da sociedade. Desta forma, essa pesquisa tem o objetivo de investigar a importância do ensino de geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como investigar os problemas e limitações dessa modalidade de ensino, sobretudo da classe trabalhadora, que compõe a maioria dos alunos da EJA. Entre os objetivos específicos é necessário destacar a avaliação da importância do conhecimento geográfico na formação de cidadãos, em especial dos alunos da EJA; e analisar a influência da participação no mercado de trabalho sobre o processo de aprendizagem dos alunos da EJA; bem como analisar possíveis caminhos para o progresso dessa modalidade de ensino. Este trabalho é resultado de pesquisas em escolas da cidade de Marí, impulsionado por pesquisas anteriores de programas da Universidade Estadual da Paraíba. Os principais autores que embasaram esta pesquisa foram o mestre Paulo Freire (1968 e 1996), por ser ele um dos pioneiros nas pesquisas e práticas metodológicas sobre a Educação de Jovens e Adultos. A obra de Vanilda Paiva (2013) foi fundamental para o entendimento do processo histórico da EJA no Brasil. E para a relação entre a EJA e o ensino de geografia, foram importantes os trabalhos de Quintão (2011), um trabalho com tema parecido e também desenvolvido em nosso estado, e ainda Cavalcanti (2002) e Carlos (2010), nas abordagens sobre a importância do conhecimento geográfico para a formação cidadã. Com o desenvolvimento dessa pesquisa, foi possível perceber que a Educação de Jovens e Adultos, apresenta inúmeras limitações didáticas, políticas e metodológicas, no entanto é necessário considerar que está na hora de surgir mudanças para essa situação, através do debate e da pesquisa. Para que a partir disso possamos superar os desafios da EJA e trazer a tona a sua importância na formação de cidadãos críticos e conscientes.

PALAVRAS CHAVE: EJA, Geografia, Educação.

ABSTRACT

Educating Youth and Adults every year has gained ground in discussions and research on Brazilian education. This is because of high demand for students seeking to complete basic education in less time. This type of education is marked by methodological limitations, and has the particularity to form a natural class of students, who bring with them a longer life story full of knowledge gained over a lifetime of work, most often the margin society. Thus, this research aims to investigate the importance of geography education in the Education of Youth and Adults (AYE), as well as highlighting the main problems and limitations of this type of education, especially the working class, which makes up the majority of students AYE. Among the specific objectives it is necessary to highlight the importance of assessing geographic knowledge in the formation of citizens, especially students of AYE, and highlight the influence of participation in the labor market on the process of learning for students of AYE, and analyze possible ways to progress this teaching modality. This work is the result of research in schools in Marí, driven by earlier research from the State University of Paraíba programs. The main authors that supported this research were the master Paulo Freire (1968 and 1996), because he was one of the pioneers in research and methodological practices on Education for Youth and Adults. The work of Vanilda Paiva (2013) was critical to the understanding of the historiographical process of EJA in Brazil. And the relationship between adult education and geography teaching , have important jobs Quintão (2011), a work with a similar theme and also developed in our state , and yet Cavalcanti (2002) and Vesentini (2010) , the approaches to importance of geographic knowledge to civic education . With the development of this research , you can see that the Education of Youth and Adults , presents numerous educational , political and methodological limitations , however it is considered that it is time to change this situation through debate and research arise. So from that we can overcome the challenges of adult education and bring out its importance in the formation of critical and aware citizens.

KEY WORDS: AYE, Geography, Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3.1 Resgate histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	16
3.2 O conhecimento geográfico na Educação de Jovens e Adultos.....	18
3.3 Do local ao global: o ensino a partir das experiências pessoais.....	20
4 ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O CASO DO MUNICÍPIO DE MARÍ.....	23
4.1 Um panorama das escolas publicas do município.....	23
4.2 Características da Educação de Jovens e Adultos do município de Marí.....	24
5 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES.....	27
5.1 O aluno da EJA e o mercado de trabalho.....	28
5.2 Das dificuldades às propostas.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERENCIAS.....	34
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS.....	37
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES.....	38
APÊNDICE C: FICHA DE PESQUISA NA SECRETARIA E ESCOLA.....	39

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), desde a sua sistematização enquanto modalidade de ensino, sempre esbarrou em dificuldades, sejam elas políticas, sociais ou metodológicas. Dificuldades essas que são fruto de todo o processo histórico colonial do Brasil. As pesquisas voltadas para essa área de ensino apresentam veredas importantes que o ensino da EJA no Brasil percorreu até chegar aos dias atuais e ganhar tamanha importância na sociedade.

Muitos estudiosos, a exemplo de Paulo Freire (1968), já no século passado, propunham a EJA como um ensino libertador, um ensino voltado para o desenvolvimento das capacidades cognitivas das classes oprimidas. O ensino de geografia na EJA necessita acompanhar esta visão libertadora, capacitando o aluno a desenvolver suas próprias reflexões sobre a sociedade em que ele está inserido, com o objetivo de desenvolver a capacidade de intervenção no meio em que o mesmo vive.

A EJA a cada ano atrai públicos cada vez maiores, isso se deve ao fato dessa modalidade de ensino se apresentar como uma alternativa de conclusão da educação básica em tempo reduzido. Desta forma, os alunos procuram na EJA a oportunidade de recuperar o tempo perdido.

Essa busca pela conclusão da educação básica em tempo reduzido tem levado não só adultos, mas também vários jovens a buscar essa modalidade de estudo para obter uma redução no tempo, ou até mesmo recuperar um tempo de estudo perdido. Trata-se, portanto, de uma forma amenizar os danos educacionais que o país juntou durante séculos a partir do encolhimento dos períodos de aula.

Neste contexto, é necessário destacar algumas questões que vem à tona sobre a EJA, entre elas a principal: estaria a EJA alcançando realmente seus objetivos de formação? Ou seria ela mais um programa com iniciativas governamentais frustrado pela falta de credibilidade que a sociedade dispõe a esse programa? Qual a verdadeira importância da EJA para as classes dominantes e

dominadas? Essas e outras questões serão levantadas e discutidas ao longo deste trabalho, norteando assim esse diálogo e teorias e práticas educacionais.

É necessário ressaltar, também, a importância de se pensar a EJA como uma oportunidade de formação para alunos que atuarão na mesma sociedade que os alunos de cursos regulares, no entanto é necessário pensar ainda que são indivíduos que já atuam nesta sociedade, e que já trazem uma leitura do mundo que nem sempre condiz ao conhecimento proposto pelo professor, mas que precisa ser o ponto de partida para a produção do conhecimento.

Por este motivo, este trabalho será uma importante contribuição, pois será mais uma ferramenta a ser utilizada por professores e pesquisadores da Educação de Jovens e Adultos, em especial do ensino de geografia. Para alcançar os objetivos deste trabalho partiremos da análise do ensino da geografia na EJA ao longo de seu processo histórico, desde os primeiros momentos no Brasil e por fim em algumas escolas da cidade de Marí, alvo desta pesquisa.

Neste contexto, com este trabalho pretende-se, ainda, abrir um leque de possibilidades para avaliar os objetivos do ensino da geografia atualmente e analisar se estes têm sido alcançados. Por esse motivo, esta pesquisa servirá de base para pesquisas futuras, que auxiliem os professores a perceber e reavaliar suas práticas docentes de maneira a não repetir o ultrapassado sistema de descrição de fatos, que um dia foi o ensino da geografia.

Diante do exposto, esse trabalho monográfico tem como objetivo geral a investigação da importância do ensino de geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ainda para a sociedade atual, bem como destacar os principais problemas e limitações dessa modalidade de ensino, sobretudo da classe trabalhadora, que compõe a maioria dos alunos da EJA. Os objetivos específicos para alcançar o foco do trabalho são: avaliar a importância do conhecimento geográfico na formação de cidadãos, em especial dos alunos da EJA; destacar a influência da participação no mercado de trabalho sobre o processo de aprendizagem dos alunos da EJA; analisar o papel da EJA na sociedade atual e sua importância enquanto modalidade de ensino; e por fim, pesquisar e propor

metodologias e recursos que se apresentam maior eficiência no favorecimento do processo de ensino-aprendizagem na EJA, chegando assim às respostas das questões levantadas nas hipóteses.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, alguns autores foram de suma importância para fundamentar as discussões aqui propostas. Os principais autores que embasaram esta pesquisa foram, Paulo Freire (1968 e 1996), por ser ele um dos pioneiros nas pesquisas e práticas metodológicas sobre a Educação de Jovens e Adultos. A obra de Vanilda Paiva (2013) foi fundamental para o entendimento do processo histórico da EJA no Brasil. E para a relação entre a EJA e o ensino de geografia, foram importantes os trabalhos de Quintão (2011), um trabalho com tema parecido e também desenvolvido em nosso estado, e ainda Cavalcanti (2002) e Carlos (2010), nas abordagens sobre a importância do conhecimento geográfico para a formação cidadã.

Com a realização deste trabalho foi possível o entendimento das dificuldades dos alunos da EJA e a partir desta concepção foi possível analisar e propor metodologias para as aulas de geografia baseadas nessas dificuldades, estabelecendo assim uma associação entre o conhecimento dos alunos, suas dificuldades e o conhecimento geográfico.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho pretende mostrar as contradições relacionadas à Educação de Jovens e Adultos atualmente, bem como o papel do ensino da geografia na formação desses cidadãos. Um dos métodos que norteou essa discussão foi a dialética definido por Mendonça (1999) como o modo de se pensar as contradições da realidade, o modo de se compreender a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.

A partir deste método pretendeu-se analisar as transformações da sociedade ao longo dos anos e a participação do ensino de geografia neste contexto. Pensar a EJA a partir de suas contradições é o caminho proposto por sua própria sistematização, pois ao longo dos anos esta modalidade de ensino passou por inúmeras transformações e contradições até chegar aos dias atuais, o mesmo ocorreu com o ensino da geografia. Vale ressaltar que estas contradições continuam a existir, e talvez nunca tenham um fim.

Como princípio, este estudo partiu da leitura do material bibliográfico, composto por livros e artigos de revistas científicas para fundamentar a teoria sobre o tema discutido. Segundo Goldenberg (2009, p. 106), a teoria “é um conjunto de princípios e definições que servem para dar organização lógica a aspectos selecionados da própria realidade empírica”, bem como auxiliar no processo de entendimento da realidade. Para o desenvolvimento desta pesquisa foi levada em consideração experiências do cotidiano escolar, através de um levantamento das principais dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos desta modalidade de ensino, em escolas públicas da cidade de Marí-PB, bem como pesquisas em órgãos públicos para levantamento de informações sobre a implantação da EJA no município e sua atuação até os dias atuais.

Também foi levado em consideração o levantamento experimentos metodológicos e a análise empírica do processo de ensino aprendizagem através do cotidiano escolar da cidade pesquisada. Os relatos de experiências de vida também foram de grande contribuição para responder algumas questões levantadas nessa pesquisa sobre as dificuldades de alunos e professores da EJA.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, também foi necessário o uso de questionários voltados aos professores, alunos e profissionais ligados a EJA para o levantamento dos dados necessários ao desenvolvimento e conclusão deste trabalho, os questionários continham questões dissertativas, onde os alunos e professores discorreriam sobre os principais problemas e dificuldades enfrentados por eles no cotidiano escolar.

Por fim, foi fundamental também a pesquisa na secretaria de educação da cidade para o levantamento dos dados relacionados a educação de Marí, contamos também com um acompanhamento do cotidiano escolar como um todo para entender o desenvolvimento do conhecimento geográfico no espaço escolar entre os alunos, professores e a comunidade envolvida neste espaço.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 RESGATE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A educação voltada para os adultos no Brasil pode ser datada desde o período colonial, conforme aponta Strelhow (2010). Nesta época os jesuítas já direcionavam a educação também aos adultos no intuito de catequizá-los. No entanto com a saída dos jesuítas do Brasil, a educação ficou sob a responsabilidade do Império, restringindo assim o acesso à educação apenas à elite, situação que se estendeu por décadas.

Apenas a partir da década de 1930 que a Educação de Jovens e Adultos passou a ser alvo da preocupação. De acordo com Paiva (2013), a educação de adultos passou por inúmeras reformas ao longo dos anos, até chegar ao que é hoje. No entanto de acordo com o Art. 37 da Lei de Diretrizes e Bases, (LDBEN, 1996, p. 15), “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Neste contexto a alfabetização de adultos passaria a ser uma prioridade, associada à necessidade de mão de obra com o mínimo de qualificação o governo atentou para a necessidade de escolarizar a classe outrora desfavorecida. A partir dessa concepção surgiram inúmeros movimentos com o propósito de alfabetizar os jovens e adultos brasileiros.

A partir da década de 60 a EJA ganhou mais impulso, com as contribuições do trabalho de Paulo Freire. Conforme destaca Quintão (2011), essa modalidade de ensino passou a ser alvo das preocupações, não só do Estado, mas também dos mais variados grupos sociais, tais como igrejas, rádios e comunidades. Paulo Freire trouxe consigo uma metodologia voltada e preocupada com essas pessoas que eram obrigadas a abandonar a vida escolar por causa de empregos e do próprio sistema capitalista.

Segundo Paiva (2013), nesta mesma década surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Sob domínio dos militares, a educação de adultos era controlada de perto, tornando-os assistencialistas e conservadores. A partir do Mobral, iniciou-se um intenso movimento para erradicar as altas taxas de analfabetismo no Brasil. No entanto, esse projeto não durou muito tempo. Em quinze anos de existência o Mobral atendeu 40 milhões de pessoas, receberam certificado 15 milhões, mas como admitia o próprio órgão em 85, apenas 1,5 milhões, de pessoas podiam ser consideradas alfabetizadas. O Mobral é extinto em novembro de 1985 e no mesmo dia é criada a Fundação Educar, em substituição, tendo como método o modelo Paulo Freire, com propostas de descentralização, (CHRISTOFOLETTI, 1997, p. 19).

De acordo com a autora supracitada, no final da década de 80, surge o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC) que não deixa clara as reais dimensões da participação da sociedade na sua elaboração, se é para definir a política geral ou somente executar as determinações do governo, (PAIVA 2013). Também não está claro se o PNAC é somente uma campanha nacional de alfabetização com alto teor demagógico e eleitoreiro como outras que já existiram.

Conforme já citado antes, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser providenciada, como um direito do cidadão estabelecido na LDB (1996). De acordo com o breve histórico levantado aqui, essa modalidade de ensino nunca foi uma preocupação efetiva do poder público, que investiu na mesma, apenas quando percebeu que a falta de escolaridade da população refletia no desenvolvimento do país.

Essa falta de investimentos reflete nos principais problemas da EJA atualmente. Onde o mais visível é a falta de credibilidade desta modalidade de ensino pelos alunos e até pelos próprios professores. Estes, na maioria das vezes, não conhecem a importância de participar da formação de adultos, e desconhecem a necessidade de fazer da educação um instrumento de democracia, conforme sugere Paiva (2013), baseada nas colocações de Paulo Freire.

E conforme o título do trabalho propõe, essas dificuldades também refletem na formação dos alunos, e mais ainda na sua atuação em sociedade, levando em consideração que a maioria destes alunos da EJA querem apenas concluir o curso e conseguir ou melhorar no emprego, conforme destaca Almeida (2009).

A EJA é uma educação da classe trabalhadora, sobretudo porque representa uma expressiva parcela de indivíduos que, mesmo possuindo as mais diversas e diferentes experiências de vida (mulheres, negros, homossexuais, jovens, etc.), têm a existência marcada por situações adversas de produção da própria existência, sujeitando-se à venda em condições cada vez mais precárias de sua força de trabalho, (VENTURA 2010, p.10).

Então vem novamente a questão: como fazer da EJA um ensino capaz de formar cidadãos preparados para a sociedade envolta de conflitos e ainda como utilizar o ensino de geografia como ferramenta para a leitura dessa realidade? Essa e outras questões que surgirão posteriormente nortearão o desenvolvimento desta pesquisa na busca por possíveis respostas e contribuições para os questionamentos.

3.2 O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Geografia ensinada na Educação de Jovens e Adultos deve ser orientada para discutir a realidade dos alunos a partir do lugar onde estes estão inseridos, experiência de vida, trabalho, família, sociedade. Sobre este mesmo pensamento, concorda Albring (2010), quando aponta que, o adulto visa um crescimento imediato e é por isso que as abordagens devem estar vinculadas a realidade do aluno.

De acordo com Cavalcanti (2002), “os conceitos geográficos são instrumentos básicos para a leitura do mundo do ponto de vista geográfico”. Dessa forma, a Geografia se apresenta como uma disciplina fundamental para a formação crítico cidadã dos alunos da EJA, sobretudo por que esses alunos já trazem consigo uma leitura de mundo, e necessitam, portanto aperfeiçoar essa visão com conceitos científicos, a partir do contanto e cotidiano escolar.

Ainda sobre esse pensamento, Carlos (2010) aponta que, a geografia pode embasar-se na experiência dos alunos, no interior de seu grupo social e desenvolver

uma prática pedagógica que, parte da realidade local, ou seja, o professor levará o aluno a entender, a partir de sua realidade, os conflitos e transformações da sociedade em que este aluno está envolvido.

Esse ensino geográfico, através do diálogo entre professor e aluno estabelecerá no cotidiano escolar a construção de novos conceitos, a partir dos conceitos já estabelecidos da ciência geográfica e do próprio conhecimento prévio dos alunos. Para isso é necessário que tanto o professor, quanto o aluno entendam a importância do conhecimento geográfico para a sociedade e sua contribuição para o conjunto dos saberes.

Para Rosa e Luther (2009), a função do conhecimento é libertar o indivíduo de todas as formas de dominação e de estimulá-lo a exercitar a escolha. Desta forma a geografia torna-se uma disciplina fundamental no cotidiano escolar e no processo de formação cidadã. Os autores apontam ainda que:

A alfabetização, para a geografia, somente pode significar que existe a possibilidade de o espaço geográfico ser lido e, conseqüentemente, entendido. A geografia busca contribuir para a formação do cidadão ativo e crítico desenvolvendo formas e estratégias de investigação do mundo vivido. Ao ler, escrever e pensar estudando geografia, os alunos se apropriam do conhecimento científico para formular suas próprias hipóteses e aplicar os métodos de investigação a fim de encontrar respostas às questões que os inquietam, promovendo a autonomia do indivíduo e, seja na busca de novas informações, seja na reflexão sobre velhos conceitos. (ROSA E LUTHER, 2009, P. 5)

Assim, o objetivo principal da geografia em sala de aula, deve ser estimular a capacidade de autonomia dos alunos, capacitando-o a ler por conta própria a realidade que o cerca e acima de tudo capacitá-lo a intervir em sua própria realidade. Isso só será possível através do diálogo entre o aluno, professor e os demais setores e pessoas envolvidos na educação.

3.3 DO LOCAL AO GLOBAL: O ENSINO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

O ensino de Geografia e a educação no geral sempre acompanharam os diversos momentos da sociedade, se adequando as necessidades do momento histórico em que se passava o país. Desde o período colonial, o conhecimento no Brasil é encarado como uma fonte de poder. Assim, o ensino de Geografia era configurado apenas para reforçar esse poder da classe dominante conforme aponta Yves Lacoste (1989).

Essa realidade está ligada a própria formação dos professores ao longo do tempo, onde a má formação acaba por propiciar aulas enciclopédicas e distantes da realidade dos alunos, e não é diferente na EJA. Nesta modalidade de ensino os professores e a própria escola muitas vezes não estão preparados para receber e trabalhar com alunos com uma realidade tão singular, pois ambos estão preparados para trabalhar com alunos que aparentemente são “alvo original” do ensino, conforme aponta Ribeiro (2001).

Para discutir sobre a Educação de Jovens no Brasil é necessário levar em consideração as particularidades desta modalidade de ensino. Entre as dificuldades que envolvem a EJA, podemos destacar as condições sociais da classe estudantil, a participação no mercado de trabalho, além da idade avançada destes alunos. Desta forma,

Refletir sobre como esses jovens e adultos aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. (RIBEIRO, 2001, p. 16)

A condição de não criança, conforme citado antes, deve ser usada como ponto de partida em sala de aula, pois a bagagem de conhecimentos de um adulto difere totalmente de uma criança, esta não atua decisivamente na sociedade, apenas está começando a adquirir ferramentas para isso, enquanto um adulto,

mesmo sem letramento atua na sociedade mesmo sem entendê-la, exerce cidadania em aspectos múltiplos mesmo sem considerar sua importância.

A condição de excluídos retrata uma realidade de classes que se estendeu desde o Brasil colonial até os dias atuais, onde a maioria da população, especificamente a classe trabalhadora, dedicava todo o tempo a geração de riquezas para a classe dominante, não tendo a oportunidade de frequentar escolas e conseguir um mínimo nível formação. Excluídos, portanto das oportunidades que o conhecimento e a informação proporcionam ao ser humano.

E por fim, a condição de membros de grupos culturais. Os alunos da EJA em sua maioria já trazem consigo seus costumes próprios, credos religiosos, forma de falar, comportamento e até mesmo a forma de interagir com os demais alunos. Isso por que antes de alunos, eles são também seres sociais, que pertencem a um grupo, a uma realidade cultural distinta, onde acarretaram durante toda uma vida conhecimentos (senso comum) necessários à sua sobrevivência.

Desta forma, o ensino na Educação de Jovens e Adultos precisa partir das próprias experiências de vida destes alunos para construir o conhecimento em sala de aula, isso ocorre a partir da valorização do conhecimento e leitura de mundo que os alunos da EJA trazem consigo. Sobre este pensamento o autor supracitado aponta que, todo conhecimento é igualmente valioso, toda visão de mundo é legítima, todo conteúdo é importante (Ribeiro, 2001, p. 26).

Nesta perspectiva, é necessário destacar a importância de ouvir esses alunos e a partir de sua realidade, do conhecimento prévio, o do senso comum o professor possa desenvolver suas práticas associando os conhecimentos prévios à suas teorias científicas. Ainda nesta perspectiva, Kaercher (2009, p. 139) afirma que ouvir os alunos é um compromisso do docente, pois “quanto mais ouvimos os alunos ou melhor, quanto mais os provocarmos a falar mais material temos para prepararmos nossas aulas e melhor entenderemos seus interesses”, só assim o conhecimento geográfico poderá contribuir para a formação crítica desses alunos.

Ainda nesta mesma perspectiva, Castrogiovani (2010) aponta que todos nós temos conceitos formulados a respeito das coisas, portanto é a partir destes

conceitos que a escola e o professor deve favorecer a reformulação e o confronto entre senso comum e os conceitos próprios da Geografia e a partir dessa associação instrumentalizar o aluno a uma leitura da realidade que o envolve.

Neste contexto, a educação geográfica deve ser desenvolvida num sentido construtivista, onde o aluno é levado a pensar por conta própria conforme destaca Carlos (2010), não mais em um sentido tecnicista e enciclopédico como foi o ensino da Geografia durante décadas, depositando conceitos e teorias para a memorização dos alunos, conceitos esses sem aparentemente nenhum sentido social. Sobre essa mesma problemática Pontuschka (2007) afirma ainda que, a Geografia pode embasar-se na experiência dos alunos, no interior dos alunos, no interior de seu grupo social e desenvolver uma prática pedagógica que parte da realidade local.

4 ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O CASO DO MUNICÍPIO DE MARÍ

4.1 UM PANORAMA DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO

O município de Marí está localizado na mesorregião da Zona da Mata paraibana e microrregião de Sapé, situado a 60km da capital João Pessoa. De acordo com o IBGE (2010), o município contava com uma população de 21.176 habitantes e a estimativa para 2013 foi de 21.648 habitantes. O município conta com uma área de 154,824 km² e uma densidade demográfica de 136,77 hab/km²

Compõe a 1ª gerência de ensino tendo como sede principal a capital João Pessoa. De acordo com a secretaria de educação, o município conta com 24 escolas públicas, sendo 21 escolas da rede municipal, responsáveis por ofertar a educação básica nos níveis fundamental I e II, e ainda 03 estaduais com todos os níveis de ensino atualmente, do fundamental I ao ensino médio.

As escolas municipais são distribuídas em 12 na zona urbana e 09 na zona rural, sendo que, 10 dessas 21 escolas trabalham com a EJA, todas com o fundamental I e II, no entanto apenas 01 trabalha com o fundamental II, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Eptácio Dantas. Desta forma será a mais analisada como foco desta pesquisa.

As escolas estaduais estão localizadas apenas na zona urbana do município, sendo ao todo 03 escolas, onde 01 trabalha com o fundamental menor (I), 01 com o fundamental maior (II) e a outra com o ensino fundamental II e médio, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Paulo de França. No estado essa será a escola alvo de nossa pesquisa.

A Escola Eptácio Dantas começou a trabalhar com a EJA no ano de 2001 através de uma parceria com o Governo Federal. No mesmo ano a modalidade atraiu um grande público a esta modalidade de ensino. Desde então, todos os anos a escola tem ofertado a EJA a população mariense.

A Escola José Paulo de França teve a primeira turma de EJA no ano de 2007, este mesmo ano foi recorde de alunos, com 286 alunos no ensino fundamental II e médio. Nos anos posteriores o número de alunos reduziu-se, no entanto sempre manteve um público considerável por se tratar da única escola com ensino médio na cidade.

Além dessas duas escolas, é necessário destacar ainda o Centro de Educação de Jovens e Adultos, antigo NAES - Núcleo Avançado de Educação Supletiva. Uma instituição estadual que trabalha com a Educação de Jovens e Adultos há 30 anos no município, atuando desde o ano de 1983.

Ainda algumas outras escolas municipais trabalham com a Educação de Jovens e Adultos, porém por se tratar do ensino fundamental I, não serão analisadas nesta pesquisa. Serão colhidos e discutidos dados apenas das escolas com ensino fundamental II e médio, onde a geografia ganha mais espaço como disciplina escolar.

Conforme mostrado acima, apenas duas escolas regulares trabalham com a EJA nos níveis fundamental II e médio, além do CEJA que também trabalha com a EJA nos níveis fundamental e médio, dessa forma a pesquisa se seguirá a partir dos dados coletados apenas nestas instituições de ensino.

4.2 CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO MUNICÍPIO DE MARI

Conforme citado antes, a Educação de Jovens e Adultos chegou ao município de Marí há cerca de 30 anos através do CEJA, por volta da década de 80, com o antigo NAES - Núcleo Avançado de Educação Supletiva. Esta instituição era mantida a partir de uma parceria entre o governo municipal e federal e trabalhava apenas com o ensino fundamental, incorporando o médio apenas em 2011, ampliando assim a proposta de ensino.

O método de trabalho do CEJA é semipresencial, desta forma, cada aluno é acompanhado individualmente, de acordo com seu desempenho e limitações. Atualmente a instituição também desenvolve atividades no presídio da cidade vizinha Sapé, com visitas regulares dos professores aos detentos que são alunos.

A equipe docente é participa regularmente de treinamentos na cidade de João Pessoa, com o propósito de estar preparada para as particularidades da Educação de Jovens e Adultos. Desta forma a instituição atende não apenas a população mariense, mas também recebe alunos de municípios vizinhos.

Na Escola estadual José Paulo de França, a Educação de Jovens e Adultos chegou no ano de 2007, através de investimentos do Governo do Estado da Paraíba. Por se tratar da única escola com ensino médio do município, neste mesmo ano diversos alunos procuraram a escola para se matricular na EJA, principalmente os alunos que teriam concluído o ensino fundamental no Epiácio Dantas.

De acordo com os dados coletados na secretaria do município, os professores também recebem treinamento específico para a Educação de Jovens e Adultos. Essa é uma preocupação muito relevante, pois o professor não pode avaliar o aluno da EJA da mesma forma que avalia e acompanha o aluno da educação regular. Tratam-se de realidades e perfis distintos.

No José Paulo de França, de acordo com as informações fornecidas pela secretaria da escola, não há nenhum tipo de formação continuada, e o treinamento desenvolvido é o mesmo que acontece para as turmas do ensino regular, ou seja não há uma preocupação específica em preparar os professores para o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. Da mesma forma, a escola também não conta com material didático específico para a EJA. O professor é responsável por utilizar o mesmo material do ensino regular, cortando e utilizando as partes que aparentemente são convenientes.

No Epiácio Dantas é fornecido material didático específico para a EJA, de acordo com os professores, a cada semestre é distribuído o material entre os alunos e professores. Com relação a formação, os professores em sua maioria são os

mesmos da educação regular, portanto o planejamento, treinamento e formação continuada é muito similar ao da educação regular.

Com relação à disciplina de geografia, apenas 4 professores trabalham com a Educação de Jovens e Adultos, sendo 1 na escola municipal, o Epitácio Dantas, 1 na estadual, José Paulo de França e 2 professores no CEJA um no ensino fundamental e outro no ensino médio.

5 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES

A Educação de Jovens e Adultos ao longo de sua efetivação enquanto modalidade de ensino, sempre esbarrou em dificuldades, no entanto, algumas limitações desta modalidade tem se perpetuado na educação brasileira, o que gera um certo descrédito da eficácia da EJA no país, de maneira que os próprios alunos reconhecem as limitações enfrentadas por eles enquanto estudantes da EJA.

A primeira dificuldade, ou questão, que deve ser levada em consideração diz respeito à estrutura das escolas brasileiras e sua capacidade de receber os alunos da EJA. É necessário salientar que os alunos da EJA trazem consigo realidades singulares, um arcabouço de conhecimentos próprios e adquiridos durante toda uma vida. Portanto, a escola que forma crianças e adolescentes precisa se adaptar a essa nova realidade, o que não é algo tão simples.

A escola brasileira passa por uma “adequação para uma grupo que não é o “alvo” principal da instituição”, conforme destaca Ribeiro (2001). Ou seja, muitas escolas não estão preparadas para essa classe de estudantes, assim como muitos profissionais também não conseguem distinguir entre os ritmos cognitivos de uma criança e um adulto e dessa forma, acabam por generalizar e desenvolver as mesmas aulas, com os mesmos recursos e as mesmas metodologias de ensino.

Podemos destacar como dificuldade também, o tempo destinados as aulas da EJA. No ensino regular as aulas duram cerca de 45 e 50 minutos, na EJA esse tempo é reduzido a apenas 30 minutos. Sem contar que uma parte dos alunos chega após o horário e acabam indo embora mais cedo, isso por que muito moram distante da escola.

A questão do material, já muito discutida quanto ao ensino de geografia, também é um empecilho na EJA. O material destinado a essa modalidade de ensino geralmente é mais limitado que o do ensino regular, se neste caso já é complicado ao professor que não se desprende do livro e não consegue envolver o aluno no mundo do conhecimento. Na EJA essa situação é ainda mais visível, pois os livros

são na maioria das vezes muito resumidos, temas que nem sempre correspondem aos conceitos geográficos realmente e ainda totalmente indiferente a realidade do aluno da EJA.

Outra dificuldade de fundamental importância na discussão é a faixa etária dos alunos da EJA. A maioria dos alunos, conforme já mencionado antes, são alunos adultos, com idade superior a 21 anos, porém há uma especificidade na EJA que o ensino regular pouco apresenta, seria a variedade do público. Ao mesmo tempo que existem alunos de 25, 30 ou 40 anos, existem também alguns jovens com idade superior a 15 anos. Essa diversidade muitas vezes acaba por trazer alguns prejuízos a EJA, pois são pessoas com objetivos diferentes, enquanto uns correm atrás do tempo perdido, outros apresentam pouco interesse pelas aulas e pela escola em geral. Frutos de uma classe formada no Brasil ao longo de sua história, que desconhece a importância da educação e do conhecimento para a vida em sociedade.

Por último, quero discutir a principal dificuldade levantada na pesquisa e também tema central das próximas linhas de discussão deste trabalho, a associação entre estudo e trabalho. Esse tema por si só seria uma discussão gigantesca, no entanto os fatores citados anteriormente e este, estão intimamente ligados, além de outros que não nos deteremos, mas que são realidade da EJA.

5.1 O ALUNO DA EJA E O MERCADO DE TRABALHO

Conforme mencionado antes, os alunos da EJA, em sua maioria, fazem parte de uma classe trabalhadora, uma classe que trocou o ensino regular pelo trabalho, isso não apenas por escolha, mas por obrigação da própria condição social vigente no país. Sobre esse pensamento, Almeida afirma que:

A educação formal foi um processo esporadicamente interrompido pelos alunos trabalhadores da EJA provocado pela necessidade imposta pela própria sobrevivência material e familiar. Estes alunos trabalhadores fazem parte de uma totalidade de homens e

mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção. (ALMEIDA, 2009, p. 338)

Essa é realidade da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, alunos que buscam recuperar o tempo perdido ou tirado de suas condições, ou alunos que querem o diploma para aumentar o valor de sua força de trabalho, uma vez que cada vez mais o mercado exige das pessoas uma qualificação específica.

Nos dados coletados durante o período de atuação de pesquisas nas escola da cidade de Marí, a maioria dos alunos afirmam exercer alguma atividade remunerada, seja ele formal ou não. E apontam que esta atividade seria um das causas do pouco desempenho nas aulas, pois segundo eles, ao chegar nas aulas já estavam cansados do dia de trabalho.

Quando questionados se eram novatos ou repetentes, 7 alunos afirmaram ser já ter cursado a mesma série anteriormente, ou seja, são alunos que tiveram que abandonar a escola por algum motivo, na maioria dos casos: trabalho. Muitos ainda afirmaram que voltaram apenas para conseguir o diploma, pois não pretendiam prosseguir e ingressar em um ensino superior.

Sobre o tipo de atividade exercida por estes alunos, mais da metade deles trabalha na informalidade, realidade da classe desfavorecida brasileira. Para Beltrão (2009, p.29) há várias formas de trabalho na informalidade, como o trabalho autônomo; o trabalho por conta própria; o trabalho temporário; e os trabalhos terceirizados que encobrem o caráter subordinado do trabalho informal aos setores dinâmicos da economia e, conseqüentemente, ao processo de acumulação capitalista.

Muitos desses alunos trocam sua força de trabalho por um salário pouco equivalente e o pior, desconhecendo seus direitos, sobre isso Gorz (1996) defende que, “seria preciso reconhecer os direitos dos trabalhadores/as jovens ou adultos, não apenas de utilizar a escola, mas também de construir para transformá-la, revolucioná-la e gerí-la”.

Uma outra questão muito importante é o fato desses alunos ter a consciência das limitações do ensino na EJA, a maioria dos alunos apontaram que o ensino na EJA deixa muito a desejar, pois muitos temas estudados são indiferentes a realidade deles, isso associado a falta de tempo faz do cotidiano escolar desses alunos um

conflito perpétuo, quando muitos acabam por se adequar a ideia de conseguir apenas um certificado mesmo, conforme muitos colocaram.

Essa é a realidade do ensino na EJA do município de Marí-PB e acreditamos não ser diferente no Brasil, pois são dificuldades que acompanham o processo histórico brasileiro de exploração e pouco investimento para as classes menos favorecidas, classes que mantêm as demais e desconhecem seu papel na sociedade.

Desta forma, é necessário que essa modalidade de ensino esteja preparada para acompanhar essa particularidade de seus alunos, fazendo do conhecimento proposto em sala de aula uma ferramenta para a vida, do contrário, o conhecimento se torna enfadonho ou até mesmo inútil.

5.2 DAS DIFICULDADES ÀS PROPOSTAS

Não é objetivo deste trabalho oferecer uma receita pronta e infalível para o problema da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, no entanto é necessário que cada vez mais sejam levantadas discussões no meio acadêmico e na sociedade em geral sobre as problemáticas aqui relatadas, apenas dessa forma a EJA deixará de ser vista como uma modalidade de ensino banal e sem muita importância e ganhará um papel que realmente lhe é devido, o de formar cidadãos críticos e capazes de intervir no seu meio social, assim como nas demais modalidades.

Diante desse contexto, essa parte do trabalho se preocupará em discutir possíveis caminhos que poderiam ser percorridos para que a EJA possa alcançar melhoras no seu desempenho enquanto modalidade de ensino. Para isso, partiremos dos pontos discutidos anteriormente.

Como primeiro apontamento, é necessário destacar a importância da preparação da escola para receber esses alunos, uma vez que os mesmos não são necessariamente o alvo das escolas atualmente. O sistema escolar, em sua maioria, é pensado para receber e trabalhar com adolescente, cheios de conflitos da idade, no entanto não consegue receber e trabalhar bem com esses alunos com

experiências de vida que por si só já explicam os conflitos pelos quais passaram durante toda a sua vida.

Dessa forma, é necessário que o próprio ambiente escolar se mostre atraente a esses alunos jovens e adultos, não apenas as crianças e adolescentes. E não apenas o ambiente escolar deve estar preparado, mas também os profissionais dessa modalidade de ensino. Não basta preparar uma aula para o regular e aplicá-la a EJA, não basta ter material didático se seu conteúdo não faz sentido na vida dos alunos, se aparentemente são indiferentes ao seu cotidiano.

Os professores da EJA não podem ser preparados, participar sempre dos mesmos treinamentos que os do ensino regular. São alunos diferentes, mundos diferentes. Esses profissionais precisam ser preparados para contribuir e ajudar os alunos a acrescentar o conhecimento trazido das experiências de vida ao conhecimento teórico, e levar o aluno a entender o sentido daquilo que estuda.

A questão do tempo das aulas é outra dificuldade não menos importante, sobretudo para as aulas de geografia. No ensino regular o tempo para as discussões geográficas já é bastante reduzido, e na EJA essa disciplina não recebe tanta atenção. Dessa forma, o aluno da EJA não entende a importância do conhecimento geográfico para a sua vida em sociedade, somado a isso, temos o tempo de 30 minutos de aula, quando muitas vezes só dá tempo para o professor fazer uma chamada e ler algumas linhas do livro didático ou fotocópias trazidas por ele mesmo.

Esse tempo reduzido é fruto da falta de um planejamento específico para a Educação de Jovens e Adultos, pois na maioria das vezes a modalidade só é tratada como diferente nessa questão de tempo, pois os professores são os mesmos, os conteúdos aproveitados do planejamento de outros turnos e muitas vezes até mesmo a forma de abordagem segue o mesmo padrão da educação regular.

Desta forma é necessário que medidas de planejamento sejam discutidas e colocadas em prática, sobretudo no que diz respeito a analisar esses problemas da EJA e buscar possíveis soluções, no entanto essas medidas precisam acontecer em conjunto, não apenas da parte do professor, mas da escola, comunidade e alunos envolvidos e, sobretudo do poder público.

A problemática do material didático não é exclusiva da EJA. Discutir sobre esses materiais implica analisar a sua elaboração e utilização em sala de aula. O livro didático da EJA, em sua maioria é uma versão cortada, reduzida do livro da educação regular. Os temas são cortados ou reduzidos para que sejam abordados em metade do tempo da educação regular.

Esse corte dos conteúdos, muitas vezes, desfavorece as disciplinas, pois os temas que ficam no material nem sempre são selecionados obedecendo as necessidades dos alunos, que são o público alvo. São cortados e deixam alguns temas soltos, sem ligação entre local e global.

Essa elaboração do material para a EJA deveria suprir justamente as necessidades dos mais interessados, ser supervisionado por professores diretamente ligados a Educação de Jovens e Adultos, de forma que a cada elaboração do material, o mesmo pudesse ser aperfeiçoado, trazendo em si os conhecimentos fundamentais à vida desses alunos da EJA.

Com relação a faixa etária dos alunos, é necessário que se tenha um planejamento de distribuição, pois esse problema faz com que os alunos mais jovens muitas vezes por não ter tanto interesse, acabam por atrapalhar os alunos mais adultos que buscam aproveitar o máximo ao seu tempo.

Essa distribuição deveria ser mais analisada e preparada para concentrar alunos com faixa etária mais compatíveis, dessa forma teriam objetivos mais comuns e isso contribuiria de forma mais decisiva no processo de ensino aprendizagem, uma vez que não teríamos na mesma sala um jovem de 15 anos e um adulto de 45. Mesmo que troquem experiências e sejam construtivas, eles tem objetivos de vida diferentes e vivem experiências de vida em momentos desiguais,

Por fim, é necessário destacar também, a importância do contato entre escola e sociedade, conhecimento teórico e prático. Conforme citado anteriormente, o conhecimento geográfico na EJA precisa instrumentalizar o aluno a intervir no seu meio social.

Não se trata de estudar por estudar, essa visão precisa ser tirada de nossa sociedade, mas estudar para conhecer, e conhecer para intervir. Nossos alunos trabalhadores precisam ver no conhecimento geográfico e na sua formação na EJA uma ferramenta para a vida e não um conhecimento inútil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos, conforme exposto neste trabalho apresenta imensas limitações, no entanto é necessário considerar que está na hora de surgir mudanças para essa situação. Isso só será possível por meio do debate, da pesquisa e da reavaliação das verdadeiras prioridades e necessidades dessa modalidade de ensino.

O currículo escolar da EJA deveria ser pensado à luz das características e necessidades do público jovem e adulto, composto invariavelmente por trabalhadores para os quais o Estado e a sociedade brasileira contraíram imensa dívida ao não garantir-lhes condições sociais para que pudessem freqüentar os bancos escolares no período da infância ou adolescência. (SANTOS, 2008, p. 14)

Mas para que reformas aconteçam, é necessário uma mobilização das partes interessadas, a começar pelos profissionais e pesquisadores da área, por meio de novas propostas, quem sabe partindo do próprio princípio da realidade do alunado em questão, a classe trabalhadora e suas limitações.

Dessa forma a EJA poderá chegar a receber a importância devida e deixará de ser apenas uma opção para alunos que não tem tempo de estudar durante o dia, ou que não acompanharam o ritmo dos alunos da educação regular, mas será uma modalidade de ensino capaz de formar cidadãos e dá-lhes instrumentos necessários para viver e atuar na sociedade em que estão inseridos, lendo e transformando a realidade a sua volta.

São muitos os desafios que ainda precisamos superar na EJA e educação brasileira em geral, no entanto essa reforma precisa acontecer na mente de pesquisadores e envolvidos e necessita, mais do que tudo, chegar ao cotidiano escolar, para assim avançarmos em termos de educação e, sobretudo formação crítico cidadã.

REFERENCIAS

ABNT – **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. NBR 10004, 2004.

ALBRING, Loraine. **O Ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos**. In: FÓRUM DO CONHECIMENTO: “Religando Saberes”, 3, 2005. Erechim. Erechim: URIAUM, Campus de Erechim, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/loraine_albring_ensino_geografia.pdf> Acesso em: 23 ago. 2013.

ALMEIDA, Juliana Nóbrega de. **Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos no Bairro de Bodocongó em Campina Grande-PB**. Revista OKARA: Geografia em debate, v.3, n.2, p. 223-347, 2009. Disponível em <<http://www.okara.ufpb.br>> Acesso em: 02 ago. 2013

BELTRÃO, Myriam Matsuo Affonso. **Trabalho informal e desemprego: desigualdades sociais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – USP, São Paulo, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Lei nº 9.394 Brasília, 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/.../parecer_11_2000.pdf> Acesso em: 02 ago. 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **A Geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTROGIOVANNI, C. A. et al. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CHRISTOFOLETTI, Elisabete. **Educação popular e educação de adultos**. Revista De Educação, Cultura E Meio Ambiente. Set. - Nº 9 V.1, 1997. Disponível em: <http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/09elisabetechristofoletti_educac educacaoparaa.pdf> Acesso em: 02 set. 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GORZ, André. **Crítica à divisão do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 1996.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250910>> Acesso em: 07 jan. 2014.

KEARCHER, Nestor André. **A geografia é o nosso dia-a-dia. Geografia em sala de aula pratica e reflexões**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2009.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1989, p. 142-151

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), v. 5, set. 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso em: 14 de dez. 2013.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?** Santa Catarina: Contexto, 1999.

PAIVA, Vanilda da. **História da Educação Popular no Brasil: Educação Popular e Educação de Adultos**. Loyola: São Paulo, 2013.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- UFPB. Disponível em <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/rodrigo_pessoa.pdf> Acesso em: 15 de set. 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

QUINTÃO, Altemar de Figueirêdo Bustorff. **A Geografia na Educação de Jovens e Adultos trabalhadores em Mamanguape: Percurso Histórico e Práticas atuais**. Dissertação de Mestrado-UFPB. João Pessoa, 2011. Disponível em <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/altemar_quintao.pdf> Acesso em: 12 de jan. 2013.

RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Mercado de Letras: Campinas-SP, 2001.

ROSA, Pedro Senna da; LUTHER, Alessandra. **O ensino de geografia na educação de jovens e adultos à luz da pedagogia anarquista**. Artigo científico. Enpeg: Porto Alegre, 2009. Disponível em <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20%2821%29.pdf>> Acesso em: 12 de jan. de 2014.

SANTOS, Enio José Serra dos. **Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores: concepções, políticas e propostas curriculares.** Tese de Doutorado em Educação. Niterói-RJ/UFF, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/enio%20serra.pdf> Acesso em: 20 set. 2013.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. **Breve História Sobre A Educação De Jovens e Adultos No Brasil.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf> Acesso em: 21 dez. 2013.

VENTURA, Jaqueline P. **As relações entre trabalho e Educação de Jovens e Adultos: elementos para a reflexão sobre a perspectiva conformadora e o potencial emancipador.** I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos. UFPB, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.catedraunescoeja.org/GT02/COM/COM019.pdf>> Acesso em: 22 de ago. 2013.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS-III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

PESQUISA MONOGRÁFICA

Questionários aos professores

- 1- Quais as principais limitações da Educação de Jovens e Adultos (EJA)?
- 2- Na sua opinião, qual a importância da EJA para a sociedade atual?
- 3- Que diferenças você pode notar, enquanto professor, entre a EJA e o ensino regular?
- 4- Qual a importância das aulas de Geografia para a formação dos alunos?
- 5- Na sua opinião, como a EJA poderia melhorar em estrutura e ensino?
- 6- Quais são os recursos didáticos utilizados por você em sala de aula para o ensino de Geografia?
- 7- Quais as estratégias utilizadas por você na utilização desses recursos didáticos em sala de aula?
- 8- Os recursos didáticos utilizados por você vão ao encontro da realidade dos alunos?
- 9- Você se sente preparado para oferecer uma educação coerente aos alunos?
- 10- São oferecidos aos professores curso de formação continuada?
- 11- Os alunos são participativos nas aulas de Geografia?
- 12- Quais as estratégias utilizadas por você para motivar o aluno em suas aulas?
- 13- Na sua opinião, por que o ensino de geografia apresenta tantas dificuldades?
- 14- O que falta para que a educação, em especial o ensino de geografia, sejam levados mais a sério pela sociedade?

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS-III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

PESQUISA MONOGRÁFICA

Questionário destinado a alunos da Educação de Jovens e Adultos

1- Idade:

2- Você exerce algum trabalho durante o dia?

3- Por que você escolheu estudar da Educação de Jovens e Adultos?

4- Como você consegue conciliar o trabalho e as atividades da escola?

5- Quais as suas maiores dificuldades com relação à escola?

6- Você acredita que o ensino da EJA é igual ao regular?

7- Como o ensino na EJA poderia melhorar, em sua opinião?

8- Você gosta de estudar geografia? Sim () Não ()

9- Na sua opinião, o conhecimento geográfico é importante para a vida? Sim ()
Não ()

10-Justifique a resposta da pergunta anterior.

11-Quais os temas que você tem mais dificuldades nas aulas de geografia?

12-Qual o tema que você mais gostou ou gosta de estudar em geografia?

13-Qual a sua sugestão para que as aulas de geografia possam melhorar?

APÊNDICE C: FICHA DE PESQUISA NA SECRETARIA E ESCOLA

PESQUISA MONOGRÁFICA**CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM MARÍ:****Panorama das escolas:****1- Quantidade de escolas públicas no município:**

1.1 Municipais: _____

1.2 Estaduais: _____

1.3 Zona Urbana: _____

1.4 Zona Rural: _____

2- Divisão das escolas quanto à fase se ensino:

2.1 Ensino Fundamental: _____

2.2 Ensino Médio: _____

2.3 Modalidade Eja: _____

3- Tempo e atuação da EJA no município:

3.1 Ano e primeira Escola a trabalhar com a EJA: _____

3.2 Como a EJA chegou ao município: _____

4- Material e Profissionais

4.1 Existe algum material fornecido pelo município, exclusivo para a Eja:

4.2 Os professores da EJA, em geral, são os mesmos do ensino regular:

4.3 Esses professores tem alguma formação continuada diferente das formações fornecidas pelo município:
